

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

António Quaresma Martinho

registada em 2009-02-05
por

Jenny Campos e Susana Pires

António Quaresma Martinho

António Quaresma Martinho nasceu a 24 de Fevereiro de 1933, em Dreia, freguesia de Benfeita, concelho de Arganil. A mãe chamava-se Maria dos Anjos Quaresma Pimenta e o pai João Simões Martinho. A mãe trabalhava na agricultura. “A principal actividade era o milho, feijão, batata, bastante azeite, tinham bastantes oliveiras.” António andou na escola e fez a quarta classe, “sabia a matéria toda”. Depois foi para Coimbra, trabalhar no comércio. Como não era a sua vocação, regressou para aprender a arte que gostava: ser carpinteiro. Começou a aprender com 14 anos. Conheceu a esposa do tempo da escola. Quando começaram a namorar, começou a ir a casa dela. O pedido de casamento teve de ser feito aos pais. Casaram no dia 11 de Fevereiro de 1956, na Benfeita, num dos dias mais frios dessa época. “Os filhos chegaram um ano e três dias depois.” Tiveram dois, o Daniel e o Jorge Manuel. Em 1957, partiu para África onde também trabalhou como carpinteiro. Esteve por lá durante 33 anos. Foi sendo promovido até que chegou a ter uma firma montada, “Diversified Constructions”. Em 1992 regressou à Benfeita, onde foi presidente da Junta de Freguesia, desde 1998 a 2005.

Índice

Identificação António Quaresma Martinho.....	4
Ascendência Maria dos Anjos e João Simões.....	4
Infância "Já lá vão tantos anos".....	4
Educação "Levei algumas vezes e com razão".....	5
Religião "A minha vida foi o que foi mas não tenho saudades".....	5
Lazer As tropelias.....	6
Namoro "Tínhamos decidido casar".....	6
Casamento "Casei no Sábado gordo".....	7
Descendência Os filhos.....	7
Ofício	8
Migração África do Sul.....	9
Lugar A Benfeita.....	9
Costumes Do milho à farinha e da azeitona ao azeite.....	12
Quotidiano Uma vida a trabalhar para os outros.....	13
Sonhos Uma vida com dignidade para todos.....	13

Identificação *António Quaresma Martinho*

O meu nome é António Quaresma Martinho. Nasci a 24 de Fevereiro de 1933, em Dreia, freguesia de Benfeita, concelho de Arganil.

Ascendência *Maria dos Anjos e João Simões*

A minha mãe chamava-se Maria dos Anjos Quaresma Pimenta e o meu pai João Simões Martinho. A minha mãe era de Valado, nesse tempo freguesia de Avô, concelho de Oliveira do Hospital. O meu pai era do Pisão de Côja, freguesia de Côja, concelho de Arganil.

A minha mãe trabalhava na agricultura. A principal actividade era o milho, feijão, batata, bastante azeite, tinham bastantes oliveiras. E aquelas coisas normais, tinham bois, tinham muita criação, ovelhas, cabras, suínos ou porcos, como vulgarmente se chama. Enfim, era a vida rural.

Infância "*Já lá vão tantos anos*"

As brincadeiras de criança eram complicadas. Jogávamos à bola com uma bola de trapos. Numa meia, púnhamos coisas para dentro, panos, e jogávamos assim. Jogávamos ao pião, ao eixo, à cabra cega, ao berlinde, enfim, várias coisas.

Havia berlindes, que eram tirados de umas garrafas que havia de uma bebida chamada pirolito. Uma esfera de vidro. Nós partíamos a garrafa quando as conseguíamos arranjar. Partíamos aquilo para tirar a esfera que, como hoje nas garrafas de whisky, por exemplo, há aquela esfera. Nós partíamos as garrafas, traquinices da juventude daquele tempo, para jogarmos ao berlinde e ao feijão. Jogar ao feijão é quase o mesmo sistema que se jogava o berlinde também. A ver se me recordo, já lá vão tantos anos... fazíamos uma cova na terra, que isto era tudo em terra, não havia asfalto, betões, cimentos, não havia nada. Era como era. Fazíamos uma cova, púnhamos a uma certa distância e jogávamos um feijão. E depois, quase como o golf, aquilo era uma imitação do golf, eu assim o entendo, metíamos o feijão lá dentro. Agora não me recordo das regras, mas sei que ganhávamos uns tantos que lá metíamos, ou que ficavam mais perto. Qualquer coisa assim, já não me recordo. Eu penso que quem metia o feijão no buraco é que ganhava, mas já lá vai há tanto tempo.

As raparigas tinham outros jogos diferentes. Às vezes, os rapazes e as raparigas brincavam juntos mas, naquele tempo, era diferente. As escolas eram separadas, enfim, era uma vida completamente diferente.

Educação "*Levei algumas vezes e com razão*"

Andei na escola até à quarta classe, na Benfeita. Era onde é agora a sede da Junta de Freguesia. Era uma sala só, só de um piso, um pouco elevado. Subíamos um balcão, não sei quantos degraus, 4/5/6 não me recordo. Ficávamos num plano um pouco mais alto virado a nascente, isto é a escola masculina, onde eu andei. Depois na terceira e quarta classe já era mista. Já eram raparigas e rapazes misturados. As turmas muito grandes, uma professora tinha 50 e tantos alunos. Era complicado.

O meu primeiro professor foi o professor José Carvalho Duarte. Entrei para a escola no último ano que ele cá esteve. Depois foi, não sei se era o nome próprio dele, se não, nós conheçamos por José dos Aídos. Seria nome dele ou seria nome fictício...Não sei!

A seguir quando foi transformada em escola mista foi a dona Albertina era natural de Anceriz, uma aldeia próxima, perto de Vila Cova do Alva. A quarta classe foi feita com uma senhora dona Lucília dos Santos.

Eram professores com os quais nós tínhamos de aprender. Eram rigorosos e eram violentos, às vezes. Levei algumas vezes e com razão. Lembro-me perfeitamente de um facto com a dona Lucília, a minha professora da quarta classe. Por qualquer motivo eu recusei-me a falar numa matéria que eu conhecia bem e que era razoável. Não é que fosse bom, nunca fui bom em nada, era Geografia. E por qualquer birra que eu entendi, não respondi. Eh pá, levei tanta pancada. Ela quando viu que exagerou, reconheceu que exagerou e chamou um tio meu que era o pároco na altura e conversaram sobre isso. E a resposta dele:

"- Foram poucas que lhe deu."

Era diferente. Mas era bom e nós aprendíamos. Eu quando saí da escola, com a quarta classe, sabia a matéria toda.

Religião "*A minha vida foi o que foi mas não tenho saudades*"

Andei na doutrina. O meu tio era o padre da freguesia, o pároco. A doutrina era quase no género da escola mas não era todos os dias. Não me recordo agora já quando era. Em minha casa era todos os dias porque eu vivia na casa do meu

tio. Era uma casa familiar onde vivíamos e é claro havia aquela disciplina da religião cristã.

O dia da Comunhão era uma coisa muito simples. Não era com aquela pompa deste tempo. Era talvez, na minha opinião, com mais sinceridade que é hoje. Hoje é mais folclórico do que era naquele tempo. Não sou contra o que se faz hoje, tudo evoluiu e nada pode ficar para trás. Usávamos uma roupa especial e até punham uma fita. Tenho fotografias disso ainda, mas não me recordo muito da comunhão que eu não sou assim dessas pessoas que retenha muito as memórias. Às vezes já me têm dito:

- "Ah eu gostava de ter hoje 20 anos."

Eu não. Não tenho saudades nenhuma de qualquer época que passei na minha vida. A minha vida foi o que foi mas não tenho saudades de qualquer época. O que passou passou, o que há-de vir nós veremos.

Lazer *As tropelias*

O pouco tempo livre que tínhamos, quando éramos novos, passávamos na brincadeira e, às vezes, até a fazer tropelias. Até roubar fruta. Eu, por exemplo, tínhamos fruta com fartura, e íamos roubar ao vizinho porque a do vizinho era melhor que a nossa. Enfim, várias coisas.

Geralmente encontrávamo-nos nas praças onde haviam os bailaricos, principalmente aos fins-de-semana. Naquele tempo era ao domingo. Sábado trabalhava-se de manhã à noite como nos outros dias. Havia mais bailaricos principalmente no Carnaval, no Verão e nas festas, mas no Carnaval principalmente.

Namoro "*Tínhamos decidido casar*"

Eram muito complicados os namoros. Muito restritos. Não havia sequer um pouco de liberdade, era tudo praticamente inspeccionado. Era tudo passado a pente fino.

Conheci a minha esposa do tempo da escola. Éramos conhecidos, mas não com qualquer contacto especial que diferencie de outras raparigas.

Começámos a namorar e depois comecei a ir a casa dela. Tive que a pedir em casamento aos pais. Geralmente jantava em casa dela porque eu morava na Dreia, nessa altura. Enfim, um dia, pelo Carnaval, tínhamos decidido casar, e quando estávamos para ir para o baile eu fiz-lhe sinal que fosse andando. Nessa altura, falei com os pais e disse:

- A nossa intenção é esta assim, assim. Qual a vossa opinião?
- Aquela resposta das pessoas daquela idade:
- "Vocês é que sabem."

Casamento "*Casei no Sábado gordo*"

O dia do casamento foi um dia dos mais frios que houve nessa época. O dia 11 de Fevereiro de 1956, um dia tremendamente frio. Aquilo foi um casamento à maneira da época, casámos na Benfeita às 10 horas e qualquer coisa.

Ia com um fato preto, que era o que se usava naquele tempo. Com um corte que eu nunca gostei, daqueles de traçar, que era mais bonito, ou mais não sei quê e com uma gravata que ainda tenho e uma camisa branca normal. O fato desapareceu, levei-o para África e por lá ficou.

A noiva ia com um vestido branco e com um véu a tapar a cara até à igreja e lá é que tirou o véu.

No fim houve festa, almoço, houve jantar e almoço ao outro dia. Hoje faz-se num dia só. Foi um almoço confeccionado localmente, por pessoas da terra, com ementa tradicional. A comida era mais a chanfana e aqueles pratos tradicionais. Assim como as sobremesas era mais tigelada, arroz-doce e leite creme.

Não havia lua de mel. Eu casei-me no Sábado gordo, como costumam dizer, o Sábado anterior ao Carnaval, Quarta-Feira de Cinzas fui trabalhar. Nada de descanso. Nós éramos resistentes.

Descendência *Os filhos*

Os filhos chegaram um ano e três dias depois. O primeiro, o Daniel, nasceu na Benfeita. Só excepcionalmente é que o médico vinha ajudar as mulheres. A minha mulher até teve um parto bastante mau mas, felizmente, tudo correu normal.

O meu segundo filho, Jorge Manuel, nasceu em África, 5 anos depois.

Ofício

A arte de carpinteiro

Fui para Coimbra, quando fiz a quarta classe, para o comércio mas não era a minha vocação e regressei para aprender uma arte que eu gostava que era carpinteiro. Estive empregado na Philips Portuguesa. Depois estive na AVERY uma casa de balanças que era holandesa, salvo erro. E depois vim para a Benfeita.

Com 14 anos, mais ou menos, comecei a aprender de carpinteiro. Quem me ensinou a ser carpinteiro foi um grande mestre, António Bernardo Quaresma, mais conhecido por Quinta-Feira, e o sobrinho José Nunes dos Santos Oliveira, pessoas por quem eu nutro uma simpatia muito grande.

Nunca paguei nada para aprender. No primeiro ano não recebi praticamente nada, deram-me uma gratificação qualquer no fim desse ano, não me recordo quanto foi. Naquele tempo quando havia uns magros escudos, era uma fortuna, uma alegria. O dinheiro era para mim, os meus familiares nunca me exigiram nada. Depois comecei a ganhar qualquer coisa e foi-se progredindo na vida. Quando comecei a receber um ordenado era 10/12 escudos por dia, salvo erro. Não posso precisar. Tinha 15 anos talvez.

Carpinteiro já era um ofício considerado de uma certa categoria, porque já era diferenciado. O salário já era um pouco melhor. Já tinha uma arte, como diziam os antigos. Havia muito trabalho, íamos cortar o pinheiro, serrávamo-lo à mão, empilhávamos as tábuas, deixávamos secar, íamos buscá-las às costas, aparelhávamos e depois aplicávamo-las. Desde cortar a árvore a pôr a porta a abrir e a fechar, nós fazíamos tudo.

Os carpinteiros não faziam mobília, isso já era o marceneiro. Já era uma arte um pouco mais sofisticada. Nós fazíamos soalhos, portas, caixilhos, escadas, tectos, assentamento. Aquela coisa toda.

Em África também trabalhei como carpinteiro. Comecei como carpinteiro, fui subindo a pulso. Fui promovido mais tarde a encarregado de secção, promovido a encarregado-geral, e quando regressei tinha uma firmazita montada mais uma série de pessoas. Até parece impossível cinco pessoas de raças diferentes darem-se tão bem como nós nos demos. Era eu português, um judeu, um alemão, um inglês e um sul-africano. Chamava-se "Diversified Constructions".

A Benfeita levou um empurrão com as Aldeias do Xisto

Fui presidente da Junta de Freguesia de 98 a 2005. Oito anos, dois mandatos. Muito sacrifício e muito trabalho. Quando cheguei à Benfeita, em 1992, fiquei até um pouco chocado com o pouco progresso que ela tinha. Em 1998 decidi candidatar-me à Junta de Freguesia a ver se dava um impulso nisto. Com muito trabalho, muito sacrifício, muitas contrariedades conseguimos, não eu, mas junto com o Presidente da Câmara, integrar nas Aldeias do Xisto. Onde depois foi tudo completamente renovado. Não chegámos a concluir a obra porque não houve tempo. As coisas atrasaram-se, enfim, e ainda há muita coisa para fazer. Tenho até algum desgosto em que não tenham sido feitas.

As Aldeias do Xisto foi um programa que apareceu promovido pela União Europeia em que foi bastante complicado, porque era para ser Aldeias de Xisto. Havia arquitectos que não concordavam que fossem aldeias com as casas rebocadas. Tinham que ser em xisto. E eu sugeri numa reunião efectuada em Góis e, graças a Deus que foi aprovado, a ideia:

- E porque é que não chamamos Aldeias do Xisto? Porque temos o xisto em toda a volta. Temos esses combros todos que são em xisto. Temos a natureza que é xisto. Em vez de ser Aldeias de Xisto. De xisto são construções em xisto. Pomos Aldeia do Xisto?

E graças a Deus foi aprovado o projecto. Mas é como digo levou um empurrão grande, entre aspas.

Migração *África do Sul*

Não foi fácil adaptar-me a África mas, também não foi muito complicado. Adaptei-me com alguma dificuldade mas com força de vontade e, quem tem força de vontade adapta-se onde for, para fazer seja o que for. Estive em África do Sul. Para Beroni numa cidade mais pequena, comparando com Coimbra, mais ou menos. Fica a 25 quilómetros de Joanesburgo. Fui sozinho, em 1957, e a minha mulher e o meu filho foram lá ter em 1958, um ano depois. Vivi lá 33 anos. Quando voltei fui para Benfeita e por aqui tenho estado.

Lugar A *Benfeita*

A Benfeita antigamente

De onde vem Benfeita, de onde vem "Balseiros", de onde vem "Casaquinhas", de onde vêm "Ralhadores", de onde vêm "Caiados", de onde é que vêm não sei quantos ainda ninguém me explicou, pelo menos convincentemente de maneira que não me atrevo a dizer que uma história é a mais correcta.

Os "Ralhadores" são de Pardieiros, os "Caiados" são das Luadas, os "Casaquinhas" são do Sardal, os de Monte Frio são "Negritos", os de Enxudro são "Cavaleiros", de Pai das Donas são "Verrumões", os da Dreia são "Roupa-Lavada", os de Deflores são "Espicha-Sapos" e os da Benfeita, "Balseiros".

Lembro, vagamente a Benfeita de antigamente. Mas é difícil de descrever. Havia mais gente, muito mais. Hoje está envelhecido, está desertificado, não sei qual será o futuro da Benfeita.

Antes de ir para África já havia luz. A luz veio para aqui em 1952/1953 não me recordo exactamente. Antes da luz viam como os gatos. Os gatos andam aí na rua e vêem, é o hábito. Era com aqueles candeeiros de petróleo, uns petromax mas era um luxo. Havia outros de azeite, velas, enfim, remediávamos.

Não havia água nas casas. Até havia pouca para fontanários. Os fontanários da Benfeita foram construídos na década de 50. Iam longe para buscá-la, com uns cântaros de barro. As raparigas traziam aquilo à cabeça, nós às vezes atirávamos com eles abaixo.

Era nessa altura que aproveitávamos para estar um bocadinho com elas.

Havia dois lagares. Um numa ponta e outro junto à fonte.

Fornos havia. Havia um, não era bem comunitário. E havia vários privados que ainda hoje existem alguns. Havia aí uma senhora que tomava conta de aquecer o forno, não sei bem como é que isso funciona que nunca me dediquei à exploração desse sistema.

Quando estavam doentes chamavam o médico que tinha residência em Côja. Havia dois médicos em Côja, nesse tempo, mas ainda havia duas pessoas, na Benfeita, que também ajudavam a curar. Um era José Maria da Fonseca e outro José Augusto Martins.

Lembro-me que havia uns ranchos, antes de eu ir para África, na década de 40.

Para comermos peixe vinham, como vêm ainda hoje, peixeiros vender peixe. No meu tempo havia um peixe para cada um. Na minha casa, não havia

uma sardinha, havia aquelas que nós quiséssemos comer. Nesse tempo já vinham de carro, outras vezes iam as mulheres, chamávamos nós sardineiras, que iam às feiras abastecerem-se e depois faziam a distribuição pelas terras, a pé.

"Um dia de alegria"

A matança do porco era um dia de festa. Um dia de alegria. Juntavam-se os familiares. Eu falo da minha casa, na Dreia. Matávamos geralmente dois porcos por ano, porque era a vida daquele tempo. Era um convívio familiar. Fazia-se a matança do porco, pendurava-se. Havia o especialista que o matava, abria e desmanchava. Depois fazia-se aquelas ementas tradicionais, com carne de porco. Era a vida daquele tempo. Geralmente também se chamavam os vizinhos. Para segurarem o porco, para o agarrarem, aquela coisa toda. Dependia das pessoas válidas para esse trabalho.

O trabalho das mulheres era um trabalho árduo até a primeira coisa que faziam era aparar o sangue e depois mexiam para ele não coalhar, para depois fazerem as chouriças, enchidos e tal. Essas coisas todas. Depois começavam a fazer os petiscos para se começarem a beber uns copos. Coziam logo aquele sangue que deixavam coalhar, e faziam uns torresmos. Depois havia o almoço já com carne de porco. Havia, chamavam a suã aquela parte da frente, aquilo começava logo a funcionar. Não era para brincadeiras.

Para conservar a carne púnhamos em sal. Os presuntos. Os lombos e coisas assim eram fervidos em azeite, salvo erro. Depois guardados em banha do porco. Dentro de panelas de barro. Depois iam servindo para manutenção, para o governo da casa como costumavam dizer.

Vinho e aguardente

Ainda se fazem as vindimas embora em produção mais reduzida mas havia aí alguns proprietários que tinham bastante vinho. Eu ainda faço vinho. É complicado o processo. Há o artesanal que era quando se esmagava a pé, como aliás o Vinho do Porto bom ainda hoje é esmagado a pé. Mas agora vieram umas pisadeiras, que se dá à manivela. Depois foram electrificadas e tal. Agora já há mais uma componente, onde separam a uva propriamente dita do cardaço, porque o cardaço é que dá a acidez ao vinho. Esta zona é de bastante acidez derivado ao clima.

O cardaço é aquela parte onde estão os bagos da uva seguros. E são esses bocadinhos de pau que dão a acidez ao vinho. Se forem muito esmagados dão acidez.

Ainda este ano fiz aguardente, na última colheita. Não fui eu que a fiz porque infelizmente a saúde não o permite.

Há aqui um alambique que foi restaurado, no tempo em que fui Presidente da Junta, e já fizeram aguardente nesse alambique.

"Fizeram um trabalho enorme"

Nunca acompanhei muito o trabalho da Liga mas já fiz parte da Liga de Melhoramentos, quando vim de África, também foi umas das coisas que eu vi assim um bocado em baixo. Procurámos levantar aquilo mas, não foi avante porque infelizmente as Ligas e Comissões de Melhoramentos, na minha opinião pessoal, já deram o que tinham a dar. Hoje já é completamente diferente. Fizeram um trabalho enorme, uma coisa fantástica, um trabalho exaustivo tanto nas águas, como na electricidade, como em vias de comunicação, mas tudo isto foi ultrapassado. Hoje reduz-se praticamente à aldeia, a manter mas é preciso mudar uma pedra daqui para ali, a Junta de Freguesia vem cá que é preciso fazer isto. Está completamente ultrapassado. Não vejo futuro, nem são necessárias. Acabam por ser mais uma tradição.

A beleza da Benfeita

Para quem pretendia ver a montanha e a serra aconselho a vir à Benfeita. É uma das freguesias com mais potencialidades turísticas, para mim, do concelho de Arganil. Temos aqui a Fraga da Pena, mas temos mais que a Fraga da Pena temos esta parte, que chamam o Carcavão, uma coisa fantástica. É uma parte da Mata de onde vem a ribeirita que desagua junto à sede da Junta, que vem do lado direito. Ou seja, um afluente do lado esquerdo da ribeira da Mata, toda aquela parte por ali acima.

Visto de cima parece o Gerês. É uma miniatura mais agreste mas com a mesma beleza.

O que a Benfeita tem de mais bonito é a flora, as plantas raras que há no Carcavão e na Mata da Margaraça também. Há plantas raras da Europa.

Costumes Do milho à farinha e da azeitona ao azeite

O milho depois de estar em grão vendia-se ao alqueire. Nós tínhamos dois moinhos da família. Até tenho um, porque foi restaurado há pouco tempo. Sei que tem duas mós, a mó de cima move a água, o milho vai caindo e vai saindo

a farinha. Agora não posso discriminar concretamente, tenho escrito como se chamava o rodízio, a mó de cima, a mó de baixo, não me lembro agora os nomes.

Os moinhos funcionavam todos a água. Algumas pessoas que não tinham moinho, quando eram familiares, moíam nesses moinhos nas horas vagas. Outras davam-nos aos moleiros, que eram pessoas que percorriam a freguesia e juntavam sacos, que naquele tempo chamavam sarrões, eram até feitos de pele de cabra. E mediante uma indemnização, chamavam maquia, transformavam o milho em farinha e iam distribuí-los novamente.

A azeitona era transformada em azeite, recolhiam o azeite em recipientes de pedra, chamavam pias, e depois era vendido o excesso, o que não precisavam para casa era vendido ao litro. Havia lagares na Benfeita, havia um perto de Pardieiros e depois um na Baralha, outro na Finchosa e mais dois em Côja. Havia muitos lagares, nesse tempo, mas eram privados. Tinha que se pagar, assim, como hoje. Ainda este ano transformei alguma azeitona em azeite e fui a um lagar onde paguei a importância que me foi destinada para fazer essa produção.

Quotidiano *Uma vida a trabalhar para os outros*

O meu dia-a-dia, infelizmente passo em casa, porque a saúde não me permite, faz hoje precisamente dois anos que fui operado ao coração.

Agora faço parte da direcção do Centro de Dia e andamos com um projecto para fazermos um lar e passo a vida ou parte da vida a trabalhar para os outros.

Sonhos *Uma vida com dignidade para todos*

Tenho um sonho: levar o projecto do lar a boa finalidade, para que os idosos, como eu, possam ter um fim de vida com dignidade.